

BULLYING: UMA NATURALIZAÇÃO DE DIFÍCIL CONVIVÊNCIA

Rita Cristiana Barbosa
Prof^a Drnd^a UFPB E-mail: rcrisbarbosa@yahoo.com.br

Introdução

Toda ação educativa tem por objetivo produzir, no sujeito, uma transformação, pois ela é sempre e, essencialmente, intencional e visa formar o/a cidadão/ã socialmente desejado/a, com uma consciência e conduta específica (CARLOS, 2008).

Logo, o processo de ensino-aprendizagem é uma atividade prospectiva que tende provocar mudanças na realidade de cada indivíduo e, por conseguinte, no seu meio. Este é um dos objetivos da escola: provocar mudanças por meio da aprendizagem. Dessa forma, além de ensinar/discutir/interpretar os conhecimentos históricos e socialmente produzidos, proporcionar a construção de novos conhecimentos e promover a inclusão social e o exercício da cidadania, é importante que a educação escolar esteja voltada para valores humanizadores.

Nesse sentido, proponho-me a discutir, nesse texto, alguns aspectos de uma educação em/para direitos humanos como uma alternativa para o enfrentamento e a prevenção da violência na escola e do fenômeno *Bullying*, com vistas ao fortalecimento ou à criação de uma cultura escolar de paz.

É sabido que a escola lida, atualmente, com diversas questões, dentre as mais preocupantes e desafiadoras: a violência. Esta se faz presente desde que a humanidade existe, embora se evolua e ganhe mais força e múltiplos formatos. Um estudo da UNESCO vem confirmar tal constatação quando se refere ao fenômeno da violência no cenário escolar como sendo mais antigo do que se pensa e ainda alertando que com o passar do tempo, ele foi ganhando traços mais graves e transformando-se em um problema social realmente preocupante. Segundo o estudo, a violência hoje se relaciona com a disseminação do uso de drogas, o movimento de formação de gangues – eventualmente ligadas ao narcotráfico – e com a facilidade de portar armas, inclusive as de fogo (ABRAMOVAY, 2002).

Dentre as violências escolares mais conhecidas, comumente nos reportamos àquelas explícitas como: vandalismo, pixações, rixas e agressões entre os/as alunos/as, contra professores/as e não docentes, etc. Porém, há um fenômeno identificado por *Bullying*, termo inglês que se refere ao conjunto de atitudes agressivas sem razões aparentes que causam angústia e sofrimento. As brincadeiras de mau gosto, disfarçadas por um duvidoso senso de

humor, é *bullying*. Um fenômeno até então considerado corriqueiro e “normal”, na maioria das escolas, tem sido foco de estudos, no Brasil, a partir dos anos 1990 e considerado um problema grave.

Segundo Abramovay (2002), em geral, as escolas impõem regras a quem vive no seu cotidiano, sobretudo os/as alunos/as. Dentre elas, a observância do horário das aulas, ao uso do uniforme, à identificação e às práticas permitidas ou proibidas no espaço escolar. Mesmo nas escolas mais flexíveis que aceitam o diálogo há diversos exemplos de abuso de poder por parte da instituição que impõem regras sem margens para defesa por parte dos/as jovens. A escola pode assim ser um lugar privilegiado do exercício da violência simbólica¹, praticada por uso de sinais de poder que falam por si sós, sem a necessidade da força física, nem armas, nem grito e/ou pode também ser o espaço que reforça e naturaliza todo e qualquer tipo de violência.

Essas são algumas das verificações do projeto “Conviver sem *bullying*: pelo direito de estudar em paz”, realizado em 2010 numa instituição de ensino médio (técnico profissionalizante), na cidade de Bananeiras, Estado da Paraíba, Brasil, pelo PROLICEN² da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. O mesmo foi desenvolvido com turmas de 1º a 3º anos do curso técnico por uma equipe de sete bolsistas graduandos das licenciaturas de Ciências Agrárias e de Pedagogia sob minha coordenação. Neste texto, porém, trabalharemos com alguns dados e notas de campo construídas junto aos/às estudantes dos primeiros anos.

A instituição (que preferimos manter em sigilo) funciona há mais de 80 anos e é de grande referência para a região do brejo paraibano³ e para o Estado em formação profissional. Ela funciona desde os primórdios com regime de internato em que vários/as alunos/as, em torno de 400, ficam “alojados/as” durante todo o período do curso.

O projeto teve como objetivo favorecer aos participantes ocasiões de debate sobre direitos humanos, violência, fenômeno *Bullying* e suas implicações nas relações interpessoais, com perspectivas para a criação da cultura da paz na escola, a fim de prevenir/combater a violência e o *Bullying* na instituição e constituiu de atividades sistemáticas de sensibilização ética e psicológica sobre as práticas de *bullying* e de reflexão

¹ Conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu e se refere a não arbitrariedade da produção simbólica na vida social, advertindo para seu caráter efetivamente legitimador das forças dominantes. Trata-se de uma “violência insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (p. 7-8)

² Programa Acadêmico de Licenciatura da UFPB

³ Uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano formado pelos municípios de Areia, Bananeiras, Alagoa Nova, Alagoa Grande, Pilões, Borborema, Matinhas e Serraria e possui uma área total de 1.174,168 km². (IBGE, 2006)

sobre as consequências psicossociais para as partes ativa e passiva das ações. Alguns resultados foram apresentados no XIII Encontro de Iniciação a Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação e pela Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, como também em uma palestra para os professores das séries envolvidas na semana de planejamento e avaliação da instituição, além de terem alicerçado outro projeto em execução: Debate por imagens (PROLICEN 2011)⁴.

A seguir, alguns conceitos, achados e questões problematizadoras sobre a temática em tela de forma que, primeiramente, apresentaremos as faces da violência e do *bullying* na escola e suas especificidades na instituição pesquisada seguido de uma possível análise dos resultados e recomendações.

Cada sessão inicia-se com uma epígrafe construída por um/a estudante de primeiro ano, transcrito tal qual escrito/falado pelo/a aluno/a.

Violência legitimada e a face simplista do *bullying*

[...] o Bullying já virou uma coisa normal em todos os lugares. Eu já presenciei várias vezes situação de Bullying.

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

É um assunto muito comum no dia-a-dia, convivermos. Muitas vezes Presenciei na escola. Aluna do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

Violência pode ser definida como comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Vem do latim *violentia*, ‘qualidade de violento’; ‘ação’; ‘exercer violência sobre’; ‘forçar, coagir’. Do fr. *Violenter* ‘impetuoso’. (CUNHA et al., 1997, p. 823). Isto é, uma força (ação destrutiva) que se exerce contra uma pessoa ou coisa. Quando exercida sobre uma pessoa, esta é coisificada, reduzida, amortizada.

⁴ O título da nova versão do projeto para 2011 é: Debates por Imagens: formação de sujeitos a partir da leitura de imagens paradas e em movimento que tematizam gênero, cultura, diversidade, direitos humanos e violência. A intenção é ampliar as ações focalizadas na formação cidadã de estudantes das escolas públicas de ensino médio dos municípios de Bananeiras e Solânea acerca das temáticas anunciadas por meio de imagens, de propagandas e do cinema.

Violentamos quando usamos força para: desnaturar, perverter, oprimir; coagir, submeter, violar, torturar, constranger. Não falamos necessariamente de força física, mas de uma força/ação que se sobressai, exerce poder sobre o/a outro/a. Essas ações, por sua vez, têm como consequência danos físicos, psicológicos e/ou sexuais à vítima.

Faleiros e Faleiros (2007) ampliam o conceito de violência fazendo referência a quem assiste, participa ou se omite frente a atos de violência. Assim, violência pode ser conceituada como todo ato ou omissão por parte do adulto (pai/mãe, parente, professor/a, responsável e da própria sociedade) ou das instituições, no amparo, na prevenção ou no enfrentamento de ações violentas contra crianças e adolescentes. Este tipo de violência surge em um contexto de relações sociais em que estão presentes atores/atrizes com poderes desiguais no que se refere a conhecimentos, força, autoridade, experiência, maturidade, recursos etc.

Para Souza (2010) a violência na escola supera a propriedade nociva que em geral toda violência tem, pois expõe as crianças e adolescentes, que são ao mesmo tempo frágeis e promissores.

Segundo pesquisa da Professora Nilza Cirne (2009), há diferentes formas de violência e ocorrem em diversos ambientes, com autores/as variados/as. São práticas cumulativas. Dentre alguns tipos de violência, Cirne (2009, p. 6) destaca doze (12):

1. VIOLÊNCIA ESTRUTURAL: a expressão das desigualdades;
2. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: a construção da inferioridade;
3. VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL: falta de cuidado de quem deveria proteger;
4. NEGLIGÊNCIA E ABANDONO: negação da existência;
5. VIOLÊNCIA FÍSICA: a mortificação do corpo;
6. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: destruição da autoimagem do outro;
7. VIOLÊNCIA SEXUAL : uso perverso da sexualidade do outro;
8. TRABALHO INFANTIL: uma das piores formas de violência;
9. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: agressão/omissão de quem deveria proteger;
10. BULLYING: agressão repetida entre pessoas da mesma faixa etária;
11. SÍNDROME DE MUCHAUSEN: situação de enfermidade desnecessária;
12. VIOLÊNCIA VIRTUAL: Internet.

Embora seja difícil definir violência escolar, Charlot (1997 apud ABRAMOVAY, 2002, p. 69) nos apresenta três níveis:

- a) *violência*: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b) *incivilidades*: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;

c) *violência simbólica ou institucional*: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos.

No primeiro e segundo níveis, o da violência e das incivildades, encontramos o fenômeno *bullying*, pois se refere a agressões interpessoais e é usado quando crianças, adolescentes e jovens recebem apelidos que os/as ridicularizam e sofrem humilhações, ameaças, intimidação, roubo e agressão moral e física por parte dos/as colegas, ou seja, é a prática de violência física e psicológica, intencional, repetitiva e sem motivação presente. Um fenômeno de perseguição e que pode deixar sérias sequelas. Pode ser praticado por um indivíduo (*bully*) ou grupos contra uma ou mais pessoas para intimidá-las ou agredi-las.

Conforme publicação da ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à adolescência:

O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (ABRAPIA, 2010).

Bullying é um termo inglês que não existe tradução para a língua portuguesa. Em sua essência expressa várias situações. Entre as ações que formam o *Bullying* temos: ofender, humilhar, excluir, discriminar, intimidar, perseguir, agredir, dominar, amedrontar, aterrorizar, chutar, empurrar, ferir, roubar, fazer sofrer etc. O quadro de ações relacionadas ao *bullying* é bastante grande. Dentre os termos mais populares e conhecidos entre as crianças e os/as adolescentes, temos *zoar* e, no nordeste do Brasil, *bulir* (mexer). *Bullying* é quando alguém faz algo a outro repetidamente e que este último não gosta. Pode ser bater, empurrar ou dizer coisas que nos magoam e que nos fazem sentir tristes ou diminuídos. Se não param quando se lhes pede, eles são *bullies*.

Bullying é um fenômeno mundial, que atinge vários tipos de grupos de crianças, adolescentes e jovens; acontece nos bairros, nas igrejas, nas escolas, etc. Uma pesquisa realizada pela OCDE em 2009 revela que o percentual de estudantes com 15 anos que

afirmam sofrerem práticas de bullying em alguns países, chega a ser assustador. A Áustria lidera seguida pelos Estados Unidos como apresenta o quadro:

País	Meninas	Meninos
Alemanha	9	21
Áustria	11	26
Canadá	5	13
Espanha	6	7
Estados Unidos	7	14
Portugal	8	13
Reino Unido	6	10
Turquia	7	13

Quadro 1: Casos de agressão em alguns países
Fonte: OCDE, 2009

No Brasil, um em cada três estudantes de 14 anos já sofreu *bullying* na escola; 70% dos alunos entre 11 e 14 anos testemunharam agressões; e 21% dos casos acontecem dentro da sala de aula. É o que revela os dados do IBGE e PLAN Brasil⁵, 2009.

Com efeito, a escola que não admitir a ocorrência de *bullying* ou desconhece o assunto ou nega enfrentar o problema, ou o que é ainda pior, naturaliza o problema justificado por uma suposta tradição cultural. Isso quer dizer que todo e qualquer tipo de instituição escolar convive com a violência, pois, também na escola, quem é mais forte tiraniza os mais fracos, levando as vítimas, muitas vezes, ao isolamento e ao abandono.

Entre os envolvidos com tal fenômeno, encontramos os/as agressores/as, as vítimas e as testemunhas. Os/as agressores/as são os/as que querem controlar e “mandar” nos/as outros/as, dirigem suas ações aos/às colegas que, do ponto de vista físico e emocional, são mais fracos/as que eles/as, têm um fraco “amor-próprio” e pensam que a única forma de obter reconhecimento dos/as colegas é a de fazer mal aos/às mais fracos/as. Julgam-se os/as maiores e mais espertos/as. Para os/as *bullies* ter reconhecimento no grupo é ser mau/má e ser

⁵ A Plan Brasil realizou em 2009 a pesquisa “bullying no ambiente escolar” em cinco regiões brasileiras e coletou e analisou dados referentes a:

- Incidência de maus tratos e de bullying no ambiente escolar;
- Causas de maus tratos e de bullying no ambiente escolar;
- Modos de manifestação de maus tratos e de bullying no ambiente escolar;
- Perfil dos agressores e das vítimas de maus tratos e de bullying no ambiente escolar;
- Estratégias de combate aos maus tratos e ao bullying no ambiente escolar

cruel. Eles/as têm consciência dos seus atos e seus objetivos são dominar o/a “outro/a” e exibir o seu poder.

Já as vítimas principais são os/as diferentes, aqueles/as fora dos padrões estabelecidos. Os/as que têm cor de cabelo ou cor de pele diferentes, os/as que apresentam alguma deficiência, os/as que são diferentes na forma de vestir, na acentuação linguística, pode ser o/a mais inteligente, o/a mais gordo/a, o/a mais magro/a, o/a que usa óculos etc. Geralmente, as vítimas são indefesas, tímidas, isolam-se do grupo, não têm a quem recorrer ou quem faça frente, em geral, escondem ser alvo desse processo. Quem demonstrar medo e até chorar se torna ponto preferencial dos *bullies*.

Consequentemente, as testemunhas são aqueles/as que se acostumaram com o problema e não se mobilizam para a mudança, não se importam com o que está acontecendo. Têm medo de que sejam as próximas vítimas e, muitas vezes, pensam que se levarem a diante não vai acontecer nada.

Essas características foram definidas após a iniciação de estudos e pesquisas sobre o assunto. A partir da década de 1980, liderados em grande parte pelo psicólogo norueguês Dan Olweus, da Universidade de Bergen, psicólogos e pesquisadores do comportamento estudavam, com seriedade, o abuso coletivo (*mobbing*), equivalente ao *bullying* em grupo, entre estudantes. Olweus concluiu que as crianças podem ser muito hábeis e usar sistematicamente o poder social contra os/as colegas de escola mais fracos/as. O objetivo é fortalecer sua própria posição. (MELO, 2010).

Pesquisas realizadas nos EUA, na Grã-Bretanha, na Espanha, em Portugal e, no Brasil, revelam que os índices de estudantes envolvidos em casos de *bullying*, sejam vítimas ou agressores, são alarmantes. Segundo Chalita (2008), dados disponíveis sobre o mapeamento da violência escolar no Brasil feito pelo Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar – CEMEOBES, estima que o *Bullying* praticado por crianças e jovens já atinja 45% dos/as estudantes brasileiros/as de ensino fundamental.

Para Chalita (2007), o *bullying* agride a alma do indivíduo, deixando-o pequeno pelo medo, timidez ou vergonha, dor física, emocional ou moral. Segundo este autor, a falta de afeto nas relações entre crianças e adolescentes seria um dos possíveis motivos para o aumento do comportamento agressivo. Esta ausência, por sua vez, demonstra certo grau de problemas familiares. A falta de diálogo e de respeito, a começar pelo primeiro grupo social de convivência humana, a família, parece ser a origem da agressividade infatojuvenil.

Este é um dos campos conflituosos da problemática: identificar quem contribui/influencia para a cultura da violência. Segundo dados da pesquisa da UNESCO,

alguns membros do corpo pedagógico das escolas afirmam que o maior problema é a indisciplina, a falta de respeito, de responsabilidade, de educação que deveria ser recebida em casa. Em contrapartida, alguns/algumas pais/mães julgam que a indisciplina resulta do fato de que a escola é enfadonha, com professores que não se preparam, não estão interessados em dar aulas, querem mais é se livrar de ministrá-las e trabalham com programas ultrapassados. Já os/as alunos/as sentem-se discriminados e incomodados pelo fato de outros receberem tratamento diferenciado e privilegiado. Entretanto, nas respostas da maioria dos/as alunos uma preocupação: eles/as dizem que não gostam da maioria dos seus colegas, então que escolas são essas em que parcelas significativas dos/as alunos/as não gostam de seus/suas companheiros/as de aula?

Como diz o aluno na epígrafe: “o *bullying* já virou uma coisa normal em todos os lugares [...]” e conceber isso como algo natural é, no mínimo, insensato.

As formas e os lugares do *bullying*

Eu, desde pequena, fui vítima de apelidos que me chateavam muito. Acho uma coisa muito chata e que não deveria existir. Por causa desses apelidos eu já tive princípios de depressão e tentei um suicídio.

Aluna do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

Eu já vi acontecer vários tipos de Bullying. Meus amigos foram agredidos verbalmente.

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

Entre as várias formas de *bullying*, guiadas pelos tipos de violência já citados nesse texto, destacamos as mais frequentes:

- Violência Verbal: chamar nomes (xingar), gozar constantemente a mesma pessoa, rir à custa dos outros, apelidar;
- Violência Emocional (Psicológica): essa é quase invisível, excluir de atividades do grupo ou espalhar rumores (fofocas, boatos);
- Violência Física: dar pontapés, bater, morder, beliscar, puxar os cabelos ou ameaçar de espancamento;
- Violência Racista: usar expressões e gestos ofensivos ou brincar (caçoar) das tradições culturais dos outros;

- Violência Sexual: fazer comentários impróprios, contato físico indesejado e sexualmente abusivo; e
- *Cyber-Bullying*: usar os SMS, o *e-mail*, o *chat*, sites de relacionamentos como *orkut* para intimidar ou insultar. (ABRAPIA, 2010).

Dentre os tipos de violência que constatamos na instituição pesquisada, os/as estudantes sofrem mais preconceitos quanto à raça/etnia, ao gênero / à sexualidade, às características físicas diferentes, etc. Eis alguns depoimentos reveladores:

Já sofri e sofro ainda. Eles me chamam de gay, dizem que é pra [lê-se p'ra] eu virar homem e tal! Mas eu acho que sobre a minha sexualidade só quem tem que saber sou eu, eles não têm nada haver [Lê-se: nada a ver] com isso. E eu já não agüento mais isso.

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

[...] na sala já fui a vítima. Só porque a minha cor de pele é morena, eles ficam me chamando de besteiras, melhor nem dizer!

Aluna do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

[...] Por apelidos, por ser mais gordo.

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

Agressor não tem vergonha de humilhar uma pessoa só porque usa óculos, por ser gordo. No meu caso, é porque eu sou acima do peso, as pessoas têm preconceito.

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

Os/as alunos/as que praticam o *bullying* são oportunistas, atacando colegas que, para eles/elas, são considerados/as mais fracos/as. No entanto, o *bullying* não pode acontecer se não houver um local onde o/a agressor/a possa praticá-lo. A sala de aula, um corredor vazio, o banheiro, o pátio; todos estes são lugares, dentre outros, onde o *bullying* pode acontecer. A prática de *bullying* pode variar de acordo com o local escolhido, se tem pessoas expectadoras ou não, se as vítimas se encontram sozinhas ou não, entre outros fatores. Contudo os lugares mais propícios são, geralmente, desertos e com pouca supervisão (WRIGHT, 2009).

Dos resultados mais significativos do projeto, apontamos os lugares mais propícios para a prática de *bullying* na instituição, os quais alertam para uma possível intervenção que venha a combater esse tipo de violência entre os estudantes que ali vivem e convivem.

Recordando que a mesma funciona em regime de internato, no geral, os lugares mais apontados foram os alojamentos, seguindo da praça, da piscina e das próprias salas de aula. Vejamos exemplos de dados coletados a esse respeito:

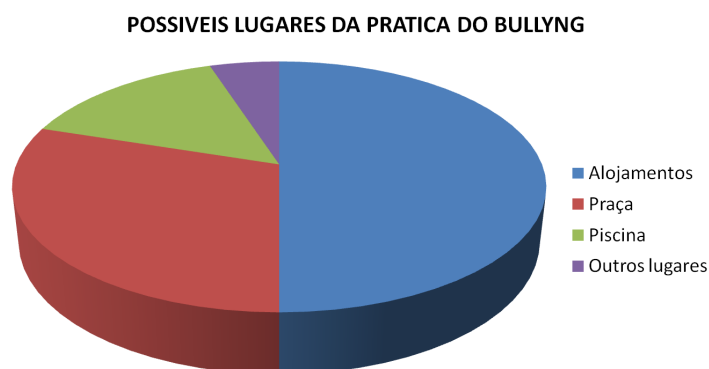


Gráfico 1: Lugares inseguros.
Fonte: Projeto Conviver sem *bullying*: pelo direito de estudar em paz.

Entre outros lugares citados, temos a fonte da praça principal que se torna símbolo da insegurança, pois é dado um “banho”⁶ forçado nela, representando o batismo de quem chega à instituição, ou seja, uma violência disfarçada de brincadeira é realizada quase em todo início de período escolar como suposta “acolhida” aos novatos.

Ainda são apontados como lugares inseguros: o ginásio, o refeitório, a mesa da maconha⁷, os caminhos que dão acesso às duas cidades vizinhas: Bananeiras e Solânea. Relatos informais revelam outros detalhes de práticas de *bullying* como algumas músicas ofensivas criadas para os recém-chegados. Com acesso a letra de uma delas, verificamos um teor agressivo, preconceituoso e ameaçador.

Outras informações dizem respeito aos quartos dos alojamentos, lugares que muitas vezes se tornam aterrorizantes visto que alguns internos, geralmente dos anos finais do curso, os invadem quebrando as portas, saqueando-os, jogando água fria em seus ocupantes e praticando outros tipos de agressões. Na maioria das vezes, nenhuma punição ou advertência aos praticantes.

Isso demonstra que, quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se um campo minado.

⁶ O mesmo acontece na piscina, tanto em festas de acolhimento dos novatos (chamados “feras”), como em outros tipos de comemorações.

⁷ Espaço de lazer à sombra de uma árvore o qual os alunos se encontram para conversar. Segundo os mesmos, este também é o espaço para o consumo da maconha, por isso o nome.

Segundo Wright (2009, p. 21):

quando adultos estão presentes para supervisionar os lugares, intervêm rapidamente quando presenciam o bullying, e providenciam conseqüências justas e apropriadas para o agressor, as ocorrências de bullying tendem a diminuir drasticamente. O professor pode trabalhar em conjunto com os demais funcionários da escola para dificultar a ação dos agressores, identificando os locais onde é comum a prática de bullying, e então providenciando o aumento do número de adultos supervisionando estes locais.

Com efeito, nossa intenção foi identificar os lugares onde o *bullying* normalmente acontece a fim de serem tomadas algumas atitudes para torná-los pouco atrativos para os/as agressores/as. Entretanto, para nossa surpresa, a instituição não demonstrou interesse em tomar atitudes nesse sentido, justificando que isso (práticas de *bullying*) sempre existiu naquele espaço educacional e que faz parte de uma tradição cultural, a qual nem mesmos os/as alunos/as gostariam de acabá-la, embora não tenha sido isso que escutamos de muitos estudantes, os quais se mostram desacreditados quanto a possíveis soluções para acabar com tais práticas.

Ficou claro que os/as estudantes vivem em regime de hierarquização das relações interpessoais, sendo os/as novatos/as alvos de práticas de *bullying*, com mais frequência, enquanto que os/as das séries finais são mais agressores e detém, por isso mesmo, mais respeito. E até mesmo este achado foi considerado algo normal pela instituição.

Esse aspecto pode ser considerado como um fator interno influenciador da cultura de violência. Segundo Abramovay (2002), para entender o fenômeno da violência nas escolas, é preciso levar em conta fatores externos e internos à instituição de ensino. Entre os fatores externos observam-se as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida e os internos consideram-se a idade e a série ou o nível de escolaridade dos/as estudantes, o comportamento dos/as professores/as em relação aos/as alunos/as e a prática educacional em geral, isto é, a cultura da escola. Mas, será que cultivar uma cultura de violência é normal?

Naturalizar ou construir uma nova cultura?

Absurdo. A escola ou governo deveria fornecer orientação e tratamento não só para quem é vítima, mas também pra quem realiza a prática de Bullying. Deve ser

chamada a atenção. Já presenciei e não tive ação de não se envolver no assunto. [Lê-se: de não me envolver no assunto.]

Aluno do 1º Ano do Ensino Médio – Bananeiras/PB

A temática dos Direitos Humanos vem para efetivar uma cultura de paz e oferecer uma alternativa educacional. Direitos Humanos são os fundamentais da pessoa humana. Sem eles, não somos capazes de nos desenvolver e participar plenamente da vida. São os direitos à vida, à saúde, à alimentação, à moradia, à cultura, à liberdade, à segurança, ao lazer, a um meio ambiente equilibrado; direito de expressão, de ir e vir dentre outras questões importantes e essenciais à vida humana.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada no ano de 1948 pela Organização das Nações Unidas – ONU. Trata-se de um documento básico e é o conjunto institucionalizado de direitos e garantias do ser humano que tem por finalidade principal o respeito à sua dignidade. Em seu artigo primeiro o documento declara que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direito”. Do mesmo modo, segundo a Declaração, todos devem agir em relação uns aos outros, “com espírito de fraternidade”, pois as pessoas conscientes do que são e do que os outros são percebem que desde que nasceram e para sobreviverem precisam da ajuda de muitos. Existe, portanto, uma solidariedade natural, que decorre da fragilidade da pessoa humana e que deve ser completada com o sentimento da solidariedade.

Aqui está o ponto de partida para a concepção básica da educação em/para direitos humanos: havendo respeito aos direitos fundamentais de todos e, havendo solidariedade no relacionamento entre as pessoas, as injustiças sociais serão minimizadas e eliminadas e a humanidade poderá viver em paz. (SILVEIRA, 2009)

Segundo Sader (2007, p. 81), a maior aquisição da educação nos direitos humanos foi conquistar um espaço para o tema relacionado a esses direitos em plena resistência à ditadura e “[...] garantir igualdade de direitos, proteção da integridade física, direito a afirmar diferenças”. O tema foi incorporado no currículo escolar, mesmo que sutilmente, com abordagens gerais sobre democracia, liberdade, cidadania, diversidade, identidade.

Para educar (se) em/para direitos humanos é preciso compreender que somos seres racionais – animais racionais – e isso nos faz iguais, essa é a nossa humanidade e nesse parâmetro, somos todos iguais. Todas as pessoas nascem essencialmente iguais e, portanto, com direitos iguais. Mas, ao mesmo tempo, somos seres diferentes uns dos outros. Diferente

não quer dizer defeituoso, nem pior, nem melhor, porém diferente. Somos diferentes porque temos um padrão de valores idiossincrático. Pensamos e agimos conforme esse padrão de valores, ou seja, nascemos livres e essa liberdade está dentro de cada um de nós, em nossa inteligência e consciência.

É evidente que todos os seres humanos acabarão sofrendo as influências da educação que receberem e do meio social em que viverem, essas influências formarão um padrão de valores, um conjunto de princípios e concepções que norteará pensamentos e ações. O conjunto de valores é singular e coletivo ao mesmo tempo, pois é formado pela cultura, que é o elo que nos une, confere-nos uma identidade cultural e que também é flexível e variada internamente.

Falamos de um conceito de cultura no sentido amplo:

[...] não é apenas o conjunto das manifestações artísticas e materiais. É também constituída pelas formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos, das religiões, das festas. As diversidades étnicas, sexuais, religiosas, de gerações e de classes constroem representações que constituem as culturas e que se expressam em conflitos de interpretações e de posicionamentos na disputa por seu lugar no imaginário social das sociedades, dos grupos sociais e de povos. (BRASIL, 2006, p. 75-78)

Nesse sentido, a cultura confere identidade aos grupos sociais e, por isso, não pode ser considerada um produto puro e estável, mas ao contrário, ela é híbrida e resulta de trocas e de relações entre os grupos humanos, de relacionamentos sociais e de relações sociais.

Conhecer o outro e seu padrão de valores nos confere à consciência da liberdade, do respeito ao/a outro/a, à sua individualidade, sua personalidade, seu modo próprio de ver e de sentir as coisas. Dessa forma, é preciso fugir dos estereótipos e abrir-se a flexibilidade cultural, sem ferir seu próprio padrão, mas usar de justiça e tolerância, não julgar ou atribuir imagem pré-concebida de determinada pessoa, coisa ou situação, mas procurar compreender porque o/a outro/a pensa e age assim. Certamente que dessa forma evitaremos muitas práticas de violência.

À escola cabe ter uma atitude preventiva contra o *bullying*, começando pela conscientização e preparação de professores/as, não docentes, pais/mães e alunos/as. Por um lado, é preciso apoiar as crianças e adolescentes vítimas e, por outro, é imprescindível fazer um trabalho especial com as pessoas propensas para cometer violência contra os/as colegas, professores/as e não docentes, pois a escola não tem apenas a obrigação moral de reduzir o *bullying*. Segundo Dreyer (2005), além de causar danos cruéis, o *bullying* está disseminado

nas escolas, e seus comportamentos característicos tendem a aumentar rapidamente com o avanço da idade dos alunos. A legislação e o bom senso obrigam a escola a garantir um ambiente seguro, física e emocionalmente. É um direito público subjetivo.

Nesse sentido, é premente a necessidade da escola e da comunidade em torno dela, formarem a cultura da paz a partir de conceitos e diálogos que nos levem a aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos, a entender, a respeitar e ajudar o/a outro/a; a ser, a ouvir, a dialogar, a questionar, a mudar e a resolver os problemas cotidianos sem violência. É mister um trabalho deliberado e sistematizado para a formação de uma cultura da paz, de práticas que respeitem as diversidades cultural, social e biológica e os direitos universais dos seres humanos, isto é, uma cultura da não violência, da segurança, do respeito e da valorização de si e do/a outro/a.

Com efeito, as escolas em geral carecem repensar o currículo escolar como um processo dinâmico, ultrapassando a estrutura linear de disciplinas, conteúdos e metodologias, que transmite para o alunado informações definitivas. A fim de adotar uma estrutura aberta, que respeita a diversidade e que transforma a educação sob um olhar humanístico. Mas isso não é uma mudança tranquila, pelo contrário é complexa, pois a escola transita por terrenos conflituosos como, por exemplo, o das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAPIA. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes: O que é Bullying**. Disponível em <http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm>, acesso: 17/09/2010.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília. Orientações curriculares para o ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos** / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. 76 p.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, violência e cotidiano escolar. **VI Seminário Nacional de Reestruturação curricular século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Secretaria Municipal de Educação de porto Alegre. 5 (1ª ed) e 8 (2ª ed). Julho de 1999.

CARLOS, Erenildo João. Educação, escola e currículo na sociedade brasileira. In: In: ALDRIGUE, Ana Cristina de S. e FARIA, Evangelina Maria B.(Org.) **Linguagem: usos e reflexões**. João Pessoa: Editora Universitária: UFPB, 2008.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de (coord..) Uma ideia em formação continuada em direitos humanos. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2007.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CIRNE, Maria Nilza Ramalho. **As múltiplas expressões da violência contra crianças e adolescentes**. Apresentação de módulo Escola que Protege. UFPB/PRAC, 2009. (Apresentação em PowerPoint)

CUNHA, Antônio Geraldo da. et al. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL OS DIREITOS HUMANOS (DDUDH). **Direitos Humanos**: Documentos internacionais. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que Protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 1 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. (Educação para todos).

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Brasil. 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf> Acessado em: 01.06.2011

_____. **Contagem da População**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=contagem>> Acesso em: 03/10/2010.

MELO, Josevaldo Araujo de. **Bullying na escola**: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. Recife: EDUPE, 2010.

OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico. **Society at a Glance 2009**. Indicadores sociais da OCDE. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/fulltext/8109011e.pdf?expires=1307995496&id=id&accname=guest&checksum=98FF6A87632A3DA3F7B63A91DF7A3FA4> Acessado em: 02/06/2011

PLAN BRASIL. **Pesquisa: Bullying** no ambiente escolar. Brasil. 2009. Disponível em: http://arquivo.campanhaeducacao.org.br/semana/2011/pesquisa_plan_resumo.pdf Acessado em: 02/06/2011.

SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atua. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais. N° 48 Junho de 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al (Org.) **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/index.htm>> Acessado em: 28/07/2009.

SOUZA, Nelson G. **Edição especial: Violência nas escolas**. Salto para o futuro. Ano XX Boletim 17 - Novembro 2010. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/salto> Acessado em: 01/11/2010

WRIGHT, Jim. **Prevenindo o Bullying na Escola: O que os professores podem fazer?** Trad. Renata Tcatch Lauermann. NIPEDH – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação em Direitos Humanos. EDHUCA- Escola que protege. Brasil. Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2009.

BULLYING: UMA NATURALIZAÇÃO DE DIFÍCIL CONVIVÊNCIA

Rita Cristiana Barbosa
Prof^a Drnd^a UFPB <rcrisbarbosa@yahoo.com.br>

RESUMOS

Resumo: O texto focaliza a problemática do *Bullying* numa instituição de Ensino Médio, no município de Bananeiras, Estado da Paraíba - Brasil. O projeto "Conviver sem *Bullying*: pelo direito de estudar em paz" foi coordenado pela pesquisadora e realizado com o objetivo de oportunizar aos participantes informação e formação sobre direitos humanos, violência, fenômeno *Bullying* e suas implicações nas relações interpessoais, com vistas à criação de uma cultura da paz. Teve por base teórica as investigações da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), bem como de Chalita (2008); Silveira [et al] (2009); Wright (2009), entre outros. As conclusões do projeto se referem às constatações da existência de práticas de *bullying* na instituição, uma vez que há naturalização por parte da sua direção; os estudantes vivem em regime de hierarquização das relações interpessoais, sendo os novatos alvos de práticas de *bullying* com mais frequência. Também foram identificados os lugares mais inseguros no interior da instituição e os preconceitos mais comuns.

Palavras chave: *Bullying*; relações interpessoais; direitos humanos; preconceito.

Resumen: El texto se centra en el problema de la intimidación en una institución de la escuela secundaria en la ciudad de Bananeiras, Estado de Paraíba - Brasil. El proyecto "Vivir sin intimidación: el derecho a estudiar en paz" fue coordinado por el investigador y realizado con el propósito de crear oportunidades para los participantes y la formación sobre los derechos humanos, la violencia, fenómeno del acoso escolar y sus implicaciones para las relaciones interpersonales, con el fin de crear una cultura de paz. Se basó en investigaciones teóricas de ABRAPIA (Asociación Brasileña de Multi Protección de los Niños, Niñas y Adolescentes), así como Chalita (2008); Silveira [et al] (2009), Wright (2009), entre otros. Las conclusiones se refieren a los resultados del proyecto que la práctica de la intimidación en la institución, ya que hay naturalización por su dirección, los estudiantes que viven en la jerarquía de las relaciones, que se enfoca en la práctica de principiantes de acoso con mayor frecuencia. También se identificaron los lugares más inseguros dentro de la institución y los prejuicios más comunes.

Palabras claves: La intimidación, las relaciones interpersonales, los derechos humanos, los prejuicios.

Summary: The text focuses on the problem of bullying in an institution of High School in the town of Bananeiras, Paraíba State - Brazil. The project "Living without Bullying: the right to study in peace" was coordinated by the researcher and conducted with the aim of creating opportunity for participants and training about human rights, violence, bullying phenomenon and its implications for interpersonal relationships, with the aim of creating a culture of peace. It was based on theoretical investigations of ABRAPIA (Brazilian Association of Multi Protection of Children and Adolescents), as well as Chalita (2008), Silveira [et al] (2009), Wright (2009), among others. The conclusions of the project refer to the existence of practices of bullying in the institution, since there is naturalization by its direction; the students live under the hierarchy of relationships, which targets the beginners

victim of bullying more often. The most insecure places inside the institutions and the most common prejudices were also identified.

Keywords: Bullying, interpersonal relations, human rights, prejudice.